

EDITORIAL

O tema deste número da Revista *Estudos Bíblicos* é a fome e o alimento. É um tema antigo e atual e uma preocupação que perpassa a Bíblia toda. No Antigo Testamento, a fome fez o povo migrar e gritar; foi usada para escravizar as pessoas; a fome no deserto fez o povo clamar a Deus, embora alguns sentissem saudades das “cebolas do Egito”; na Terra “onde corre leite e mel”, o povo foi explorado pelos seus dirigentes e também passou fome, suscitando a denúncia e ação dos profetas. No Novo Testamento, o diabo explora a fome de Jesus e do povo; Jesus, por sua vez, tem compaixão dos famintos, faz a multiplicação dos pães e se dá a si mesmo como o pão que alimenta para a vida eterna. Fome é sinal de morte; alimento bom é sinal de vida.

Os dados divulgados pela FAO (órgão da ONU responsável pela alimentação) são preocupantes. O Relatório de 2017 indica que cerca de 815 milhões de pessoas passam fome no mundo todo. No Brasil, segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 7 milhões de pessoas sofrem com a fome. Depois de ter alguns anos de um programa que retirou milhões de pessoas da pobreza e da miséria, o Brasil volta a fazer parte do mapa da fome, justamente num país celeiro do mundo que produz tanto alimento para exportação. A fome mata e faz sofrer, enquanto o comércio de alimentos é fonte de lucro e alimenta a ganância de alguns grupos poderosos que controlam o alimento no mundo. Porém, a causa da fome não é somente a má distribuição de renda, o desperdício de alimentos no mundo é grande. Ainda segundo a FAO, em torno de 30% de todo alimento produzido no mundo vai para o lixo.

Some-se a isso a péssima qualidade dos alimentos, os consumidos pela parcela da população que se alimenta bem ou mesmo os que comem precariamente. Muitos alimentos consumidos fazem mal. Há um uso desenfreado de agrotóxicos e de sementes transgênicas, sem se saber quais as consequências de certas modificações genéticas; o uso de anabolizantes e hormônios na criação de animais; conservantes, refrigerantes, açúcares etc. tornam os alimentos consumidos um sério problema. O resultado são doenças adquiridas que fazem sofrer e matam tantas pessoas, fontes de uma série de problemas de saúde pública.

Os dados estatísticos deveriam envergonhar todos os governos, as instituições e, sobretudo, aquela pequena parcela dos mais ricos do mundo que acumulam e são,

direta ou indiretamente, responsáveis pelas exclusões e fome de tantos milhões de pessoas.

Para a Bíblia, alimentar-se bem é um dom de Deus. A Sagrada Escritura nos convida a fazer deste momento uma oportunidade que faz bem à vida, seja em família ou com os amigos e convidados. Desde o tempo dos patriarcas e matriarcas, hospedar o peregrino e o estrangeiro e dar-lhe de comer eram valores a serem cultivados. Para a cultura semita, tão importante quanto a hospedagem era o momento da alimentação. A mesa e os espaços das refeições eram lugares onde não só se tomavam os alimentos, mas para a partilha de conversas e de ensinamentos, além de uma oportunidade para o estreitamento de amizades e de convivência fraterna. Já dizia Coélet que “A felicidade do homem é comer e beber, desfrutando o fruto do seu trabalho” (Ecl 2,24; 3,13). Foi também isso que Jesus fez. Ele participava das refeições e, ao mesmo tempo, preocupava-se e agia diante das multidões que sofriam com a fome.

Os artigos deste número da Revista *Estudos Bíblicos* refletem sobre a fome, o alimento, a hospedagem, o prazer de alimentar-se.

Fabrizio Zandonadi Catenassi analisa o texto de Nm 11,4-35 no contexto das crises e conflitos do povo no caminho pelo deserto. O autor mostra que o relato é exemplar, destacando a condenação ao desejo desmedido que se alastra sobre o acampamento e gera a crise na caminhada, dando um olhar idealizado ao período de trabalhos forçados no Egito e borrando a imagem da Terra Prometida. A ação de Deus é pedagógica e ensina a necessidade de que sejam criadas estruturas de solidariedade, que lutem contra a fome e deem autonomia para os que sofrem.

Luiz Alexandre Solano Rossi reflete sobre o texto de Ne 5,1-5, no qual as mulheres judias elevaram seu grito diante da fome. O texto é uma denúncia das estruturas do sistema implantado no pós-exílio. A crise da fome vem acompanhada de uma crise da falta de solidariedade, na qual os mais pobres são explorados pelos próprios irmãos mais abastados. Muitos precisavam vender suas terras e seus filhos para sobreviver enquanto outros viviam com fartura.

Júlio Zabatiero analisa o conhecido texto de Is 55,1-2, no qual, em meio à turbulência do exílio babilônico, o profeta convida a comprar e a comer, sem dinheiro e sem pagar, vinho e leite. Trata-se de um texto que manifesta um grande convite a uma aliança universal com Deus. O texto é de resistência contra o Império e alimenta a luta contra a hegemonia do sistema neoliberal, que alastra a fome pelo mundo.

Rogério Goldoni Silveira estuda o Sl 146, uma prece de louvor, que enaltece a Deus por haver dado ao povo pão. Trata-se de um grande reconhecimento da capacidade divina de alimentar o povo e ajudá-los a superar as crises por falta de comida, como já tinha feito no Êxodo. É um verdadeiro canto dos pobres, que retoma a força de Deus ao sensibilizar-se diante das necessidades de seus filhos.

Patrícia Zaganin Rosa Martins aborda a questão da fome e do alimento no Livro de Rute. É a fome que faz a família de Abimelec migrar, adoecer e traz a morte. Mas é o anúncio de que “Deus tinha visitado seu povo dando-lhe pão” (Rt 1,6) que faz com que duas mulheres, Noemi e Rute, retornem para Belém e encontrem a solidariedade entre quem partilha a respiga da colheita.

Flávio Henrique de Oliveira Silva procura apontar alguns dos motivos que levaram muitas pessoas na época de Jesus a passar fome e viver naquele estado de miséria. Além disso, tenta perceber a forma pela qual o texto bíblico se constituiu como resposta àquela situação de crise – especialmente a petição pelo pão na oração do Pai-nosso no Evangelho de Mateus (6,11), pedido importante de Jesus ao Pai, em suas orações: “Dai-nos o pão nosso de cada dia”.

Ildo Perondi analisa dez momentos em que Jesus participa de refeições no Evangelho de Lucas. São refeições de acolhida e hospedagem, de solidariedade com os famintos ou celebrativas, com caráter litúrgico. A preocupação de Lucas não é descrever as refeições, mas ver como Jesus utiliza o momento das refeições para ensinamentos e transmitir a sua mensagem. Ao mesmo tempo, Jesus é atento ao problema das multidões famintas, denuncia o sistema que acumula e exclui e propõe a construção de uma sociedade na qual haja partilha do alimento para que todos possam ser saciados.

Cristina Aleixo Simões reflete sobre um conflito que as primeiras comunidades cristãs enfrentaram que foi o partilhar o pão nas casas e entre irmãos. A autora destaca características fundamentais das primeiras comunidades cristãs, que superaram diferenças na busca por construir o Reino de Deus: a assistência das viúvas à mesa, a superação dos tabus normativos alimentares, a abertura aos estrangeiros feita por Paulo e no Concílio de Jerusalém.

Queremos dedicar este número à memória do Pe. Thomás Hughes, que já colaborou em vários números desta Revista. Ele iria escrever um artigo sobre “a multiplicação dos pães”. No entanto, veio a falecer no dia 15 de maio deste ano, em Ponta Grossa (PR). Irlandês, veio ao Brasil em 1971 e dedicou sua vida à causa do Reino, atuando na CRB, CEBI, CEBs e pastorais. Era um missionário apaixonado pela Palavra de Deus. Ele não conseguiu concluir seu artigo, mas, do texto iniciado, extraímos esta passagem:

“No Brasil, com tanta gente assolada pela injustiça e miséria, não precisamos multiplicar nada! O Brasil não precisa multiplicar terras – somos um dos maiores países do mundo! Nem precisa multiplicar a renda – somos a oitava ou nona potência econômica do mundo! Não! O que precisamos é de uma partilha e uma redistribuição das terras e da renda. O que precisamos é uma mudança de mentalidade, de coração e das estruturas, e não milagres paliativos. O evangelho insiste que a solução para a carência e da fome se acha na solidariedade, na partilha e na redistribuição, a partir da nossa fé no Deus da Vida. Há dois mil anos,

Jesus olhou a multidão, teve compaixão dela e agiu. Com certeza ele olha hoje a situação de tantos irmãos e irmãs e pede que os seus seguidores façam algo para mudar a situação. Os jornais nos trazem notícias do aumento assustador da fome no mundo por causa da crescente falta de alimentos e do aumento dos preços de alimentos básicos. Paira sobre nós cristãos o desafio lançado por Jesus: ‘Dai-lhes vós mesmos de comer!’ O que significa isso na prática para mim, para você, para as nossas Igrejas, na situação concreta da nossa vida?”

Obrigado Pe. Thomás pelo exemplo de vida, pela paixão em divulgar a Palavra de Deus, pela coragem de denunciar as estruturas do mal em nossa sociedade e pela esperança de sonhar com um mundo onde todas as pessoas sejam bem alimentadas e felizes!

Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi